

XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

# Migração: em busca de uma nova vida.

Giovane da Silva Lozano, Jorge Henrique Batista da Silva y Karla Estefânia Comamala Arbusa de Souza.

Cita:

Giovane da Silva Lozano, Jorge Henrique Batista da Silva y Karla Estefânia Comamala Arbusa de Souza (2015). *Migração: em busca de uma nova vida. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-061/982>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

## **MIGRAÇÃO: "EM BUSCA DE UMA NOVA VIDA"**

*Giovane da Silva Lozano*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Contato:

[giovane.lozano@gmail.com](mailto:giovane.lozano@gmail.com)

*Jorge Henrique Batista da Silva*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Contato:

[jorge\\_henrique83@hotmail.com](mailto:jorge_henrique83@hotmail.com)

*Karla Estefânia Comamala Arbusa de Souza*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Contato:

[karla.arbusa@hotmail.com](mailto:karla.arbusa@hotmail.com)

**Resumo:** Nesse artigo, pretendemos refletir sobre como os haitianos lidam e interpretam o processo de emigração para Brasil entre 2010 e 2015. Após o terremoto no Haiti em 2010, houve um grande índice de migração entre a população deste país buscando socorrer-se em outros países, visando melhores condições de vida. Tendo em vista este cenário, pretendemos analisar junto aos emigrantes haitianos o processo de saída e de construção do seu ingresso e permanência dentro de um país desconhecido. Isto, levando como relevância sua identidade, língua e cultura, para refletirmos como isso atinge e entra em conflito com um modo de vida carregado de aspectos diferentes dos experimentados recentemente por eles ao viverem em outro país. Por fim, analisaremos através de entrevistas como essas variáveis interferem na busca de um trabalho, levando sumariamente alguns destes cidadãos haitianos a submeterem-se a trabalhar precariamente e em condições subumanas. Ou seja, sem condições dignas, tanto no amparo legal, quanto ao aspecto social, no que trata a convivência destes em solo estrangeiro e, sendo muitas vezes, estigmatizados não apenas pela barreira linguística. Com este estudo, pretendemos estudar como esta população migrante vivencia diversos conflitos que podem envolver desde assédios a preconceitos latentes a quem vem a um novo país em busca de melhores condições de vida. Este é um dos elementos a serem pesquisados, visando entender as dificuldades iminentes que não apenas haitianos vivenciam no Brasil, mas tantas outras pessoas de países distintos que desembarcam para “tentar a sorte” a todo e qualquer custo.

**Palavras-Chave:** Fronteira, Migração, Identidade, Trabalho, Haiti.

José de Souza Martins (1997) afirma que as fronteiras não se limitam somente em fronteiras geográficas, mas também é “fronteira da civilização, fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem” (MARTINS, 1997, p. 13). O que Martins quer nos dizer é que

as fronteiras não se restringem à divisas físicas, elas transbordam para dentro dos diferentes territórios e são construídas e reconstruídas pelos sujeitos que as compõem.

Abordar o fenômeno da migração implica tratarmos também do sujeito que dela participa e, por conseguinte também de sua identidade, visto que na medida em que um dos objetivos da pesquisa é buscar enxergar a representação do migrante presente em um novo espaço cultural, as noções de Identidade desenvolvidas na área da Sociologia e Antropologia podem nos dar um apoio para exemplificar os abalos da migração para seus participantes. Deste modo, o que cabe a esta parte do trabalho é uma tentativa de expor os estudos sobre migração e identidade, para posteriormente entendermos os processos de mudanças e choque cultural provocada por essa migração.

O migrante é um ser deslocado, que sofre um processo de desterritorialização ao sair de seu lugar de origem, onde foi construída sua identidade, e nesse processo sofre três implicações: (1) a desestabilização entre ser e lugar abala a segurança existencial e a identidade territorial, (2) desencaixe espacial que faz florescer a angústia e a ansiedade e (3) a necessidade de enraizamento no novo lugar para aliviar o desconforto da incerteza e instabilidade (MARANDOLA E DAL GALLO, 2009). Mesmo com o choque do novo e as adaptações que enfrenta, muitos resíduos de seu local de origem ainda ficam intrínsecos em sua personalidade e seu dia-a-dia, como sua religião, seus hábitos e costumes e principalmente o sotaque, que mesmo depois de anos vivendo em um lugar com uma língua diferente o migrante não consegue abandonar.

É importante deixar claro que quando falamos sobre o fenômeno da migração nos referimos ao deslocamento de pessoas ou grupos de determinado local para outro. “De maneira geral, migrar é mudar, de um país para outro ou até mesmo entre as regiões de uma mesma nação” (CARDIN, 2012, p. 48). Os estudos sobre a migração destacam-se cada vez mais no atual cenário mundial. Desenvolvem-se em diversas áreas do conhecimento como na História, tomando-a enquanto narrativa e memória, na psicologia, buscando a compreensão dos impactos migratórios para a personalidade dos indivíduos, e na geografia, já que é em si um fenômeno demográfico (MARANDOLA; DAL GALLO, 2009; SAYAD, 1998).

Dentro dos limites das teorias microsociológicas<sup>1</sup>, cabe ressaltar alguns elementos que perduram na escolha ou tipologia das migrações. Num primeiro momento, as características econômicas sobressaem, porem não como elemento

principal para este movimento, até o que ocorre não é apenas a migração de âmbito pendular, pois algumas destas pessoas se deslocam de forma permanente aos países que os acolheram, seja elas por refugio ou outro tramite que legalize a sua permanencia no país de destino.

O que explica alguns destes elementos, no que tange a escolhas, em um momento, racionais, em outros, por forças exteriores a eles (catástrofes, desastres, conflitos armados e afins) são as possibilidades de alavancar uma nova vida através de novos contatos, na superação de barreiras linguísticas, na questão econômica e por fim, infinitos preconceitos.

Mas a ação de migrar é também um objeto clássico dos estudos sociológicos. Assim como demonstra Peixoto (2004), ao falar do geógrafo e cartógrafo inglês Ravenstein, que produz suas primeiras pesquisas no final do século XIX, momento em que as Ciências Sociais estavam preocupadas quase que exclusivamente com as consequências dos processos de industrialização e urbanização. Sua teoria, embora tenha sido problematizada e superada em muitos aspectos durante o último século, apontava para alguns indicadores fundamentais no estudo dos processos migratórios. A tese principal de seu pensamento é simples, mas significativa. Segundo ele, para ocorrer à migração é necessário a existência de elementos que impulsionem o migrante a sair de determinado lugar e elementos que o atraia no local de destino.

Contudo, este raciocínio esbarra em sua própria generalização. Se os aspectos da atração/repulsão (*push/pull*) de fato são determinantes, todas as pessoas que se encontram em um mesmo contexto socioeconômico e político precisam apresentar predisposições semelhantes para migrar. Em outras palavras, se a pobreza ou desemprego são fatores determinantes para as pessoas saírem de um país, todas as pessoas que vivenciam a mesma conjuntura acabariam por seguir a tendência de partir. No entanto, isso não acontece, o que exige uma ampliação das formas de se explicar os processos migratórios (CARDIN, 2013; PEIXOTO, 2004).

Desta forma, no decorrer do século XX, principalmente na sua segunda metade, observa-se a produção de diferentes abordagens do fenômeno migratório visando superar a perspectiva apresentada por Ravenstein. Em grande medida, as novas teorias são separadas em dois grupos distintos, que correspondem as macro-teorias e as micro-teorias sociológicas. Entre as primeiras encontram-se os esforços em demonstrar

que a migração é determinada por variáveis estruturais, como a política e a economia, ou seja, forças que induzam à migração, em um caráter mais coletivo. Já no outro bloco, encontram-se as tentativas mais preocupadas com o peso das escolhas racionais individuais na hora de migrar (CARDIN, 2013; PEIXOTO, 2004).

No entanto, essas abordagens ainda não conseguiram superar a leitura *push/pull* de Ravenstein, visto que em todos os casos existem os elementos de expulsão e os elementos de que contribuem para a assimilação no local de destino. As últimas tentativas de avançar na discussão teórica e metodológica sobre o assunto vão em direção da construção de leituras que possibilitem a relação entre os aspectos macro e micro sociológicos. As teorias de rede possuem este mérito. Embora elas admitam a existência dos aspectos push/pull e da escolha racional na decisão de migrar, a ação e o fluxo migratório dependem na maioria dos casos de uma rede social de proteção (CARDIN, 2013; SOARES, 2004).

Essa rede social possui diferentes funções no interior dos processos migratórios. Os estudos empíricos realizados nas últimas duas décadas demonstram que um elemento determinante na escolha de migrar é a existência ou não de contatos preestabelecidos no local de destino. Em outros termos, a presença de amigos ou de familiares nos locais de interesse do migrante pode ser decisiva, pois ela garante uma proteção mínima e um primeiro canal de inserção em uma realidade estranha (CARDIN, 2013; SOARES, 2004).

A migração, por qualquer motivo que seja, envolve novos arranjos na construção das identidades e contribui na formação cultural dos povos. Assim, pensar o desenvolvimento social no mundo contemporâneo exige o esforço no sentido de equacionar o impacto dos conflitos e das novas articulações possibilitadas pelos deslocamentos de pessoas (CARDIN, 2012, p. 62)

Portanto, devemos levar em conta os impactos causados pela migração, principalmente o deslocamento que abala as identidades dos migrantes. Seguindo esse raciocínio, Martins (1997) afirma que as fronteiras não se limitam somente em fronteiras geográficas, mas também é “fronteira da civilização, fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano” (MARTINS, 1997, p. 13).

A fronteira do humano se estabelece no momento da descoberta do Outro. “Refiro-me à alteridade e a particular visibilidade do Outro, daquele que ainda não se confunde conosco nem é reconhecido pelos diferentes grupos sociais como constitutivo do Nós” (MARTINS, 1997, p. 12). A fronteira é uma linha demarcativa de separação, seja ela visível ou imaginária, mas inegavelmente existente.

Nesse sentido, podemos dizer que as fronteiras não se restringem somente às divisas físicas, elas transbordam para dentro dos diferentes territórios e são construídas e reconstruídas pelos sujeitos que as compõem. E ainda, não se caracterizam somente pela metáfora do que atravessa fronteiras (fluxos e misturas culturais), caracterizam-se também pelo reforçador de fronteiras (fortalecimento das identidades nacionais) (ALBUQUERQUE, 2010).

A identidade étnica constrói-se a partir da diferença. A atração entre aqueles que se sentem como de uma mesma espécie é indissociável da repulsa diante daqueles que são percebidos como estrangeiros. Esta ideia implica que não é o isolamento que cria a consciência de pertença, mas, ao contrário, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 40).

Denominam-se fronteiras étnicas, pois são baseadas no princípio da alteridade, onde a pertença étnica se dá através de uma linha (imaginária) demarcativa entre membros e não membros (BARTH, 1998).

As noções de identidade dentro do viés antropológico caminham nesse sentido, elas “são construídas historicamente pelos sujeitos na relação e interação espaço-temporal com a alteridade, com o Outro. [...] O processo de constituição identitária de um grupo, portanto, é sempre de caráter relacional” (HAESBAERT; SANTA BÁRBARA, 2009, p.03). Como no caso de Roberto Cardoso de Oliveira (1976) que ao estudar os contatos interétnicos (fricção interétnica) desenvolve a ideia de que a identidade contrastiva é um elemento chave da identidade étnica, sendo a identidade social derivada das relações sociais e estas, frutos da oposição ao Outro. Em outras palavras, a essência do conceito de identidade étnica está no fato dela ser contrastiva. Ela se dá por contatos, o que implica a afirmação do nós perante os outros. No entanto, os discursos atuais sobre o imigrante, não tratam somente dos outros, da alteridade, mas

sim de si, da identidade, do eu. “[...] fala-se objetivamente de si quando fala dos outros” (SAYAD, 1998, p. 21).

Na Sociologia, a questão da identidade geralmente é estudada enquanto relação dialética entre indivíduo e sociedade, onde “a identidade de um indivíduo ou grupo é um elemento chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade” (HAESBAERT; SANTA BÁRBARA, 2009, p.03 apud BERGER; LUCKMAN (1983). Portanto, a identidade deve ser estudada em interação com a estrutura social em que está inserida, pois assim, podemos trabalhar com a identidade coletiva sem cair na dicotomia entre indivíduo e seu contexto social (HAESBAERT; SANTA BÁRBARA, 2009).

Considerada a fonte de significados e experiências de um povo, a identidade é antes de tudo uma identificação simbólica internalizada pelos indivíduos. Para a maioria dos sujeitos, esse significado se estabelece através de uma identidade primária que serve para estruturar as demais. “A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela História, Geografia, Biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso” (CASTELLS, 1999, p. 23). Em outras palavras, a identidade primária é construída a partir do lugar em que nascemos e crescemos, da religião que cultuamos, das instituições das quais fazemos parte, etc. Sendo a língua um sistema social que preexiste a nós e um dos principais fatores que reforçam uma identidade nacional, já que engendra uma característica fundamental de autoreconhecimento, estabelecendo uma fronteira nacional invisível (CASTELLS, 1999; HALL, 2006).

No entendimento de Hall (2006), as identidades nacionais de cada povo são constituídas no interior das representações culturais e não algo que adquirem no nascimento. A nação é, além de uma entidade política, algo que produz sentidos, uma comunidade simbólica. Assim, a cultura nacional funciona como um sistema de representações e sentidos para a nação, uma fonte de significados culturais, com os quais nos identificamos e construímos a identidade nacional.

### **Migração haitiana no Brasil**

A migração de cidadãos haitianos ao Brasil se deu como um processo ocorrido após o terremoto no ano de 2010 e dois furacões que dizimaram cidades, causando não apenas mortes ou desaparecimentos, mas afetando gravemente a infraestrutura produtiva do país, principalmente a agricultura, fonte econômica importante no Haiti.

Tais adversidades provocaram fugas em massa do país, causados por doenças, falta de assistência do governo haitiano e crises políticas que forçaram intervenções diversas de organizações e países terceiros (ONU e Exército Brasileiro comandam operações e treinam policiais e técnicos das mais diversas áreas para reconstrução do país.)

Preliminarmente, o Ministério do Trabalho e emprego encabeçou a pesquisa “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral” na qual trouxe a tona números concretos sobre a migração, faixa etária, formação educacional na origem e suas competências em terras brasileiras. Tal pesquisa trouxe a tona elementos assustadores. Dados do Banco Mundial (2011) apontam que 10% da população tenham emigrado (dando um total de 1.009.400 pessoas), porém dados não confirmados apontam que tenha sido aproximadamente 3 milhões de pessoas (Haitian Diaspora, 2011). Principais destinos escolhidos são Estados Unidos e República Dominicana, sendo outros países da América do Sul e Central tenham recebido maçante número de migrantes. Na Europa, o país que recebeu maior contingente foi a França.

Leva-se em conta também os fatores monetários que induzem fortemente o elemento migratórios. As remessas enviadas ao país de origem, segundo o Banco Mundial (2011) foi de equivalência a 25% do PIB, estimando em números reais 1,5 bilhão de dólares. Ao mesmo tempo que o envio de dinheiro movimenta a parca economia haitiana, trouxe também a tona o déficit profissional no país, pois que mais de 80% dos cidadãos com curso superior saíram do país (Banco Mundial, 2011). Ou seja, sem a força de trabalho especializada, a economia e outras formas de movimentar a infraestrutura tornou-se inerte.

Os migrantes encontraram na fraca fiscalização de fronteiras um forte aliado. Vindos em viagens de vários dias e com muitas dificuldades de locomoção, entraram no país através das fronteiras do Peru e Venezuela. As cidades adjacentes a esta fronteira receberam, ao final de 2011, 4.000 haitianos, (Costa,2012; Silva, 2013), número este

que não teve diminuição sendo que, em meados de 2013, aumentou para 20.000 haitianos no Brasil.

### **A “Marcha Haitiana” para o Oeste Paranaense.**

Para analisarmos esta questão, vamos trazer alguns dados sobre a característica da região enquanto atrativo para os haitianos.

A mesorregião paranaense abrange 50 municípios agrupados em três microrregiões, sendo as três maiores cidades Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu, sendo esta última cidade fronteira com Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazu (ARG), sendo todas estas cidades totalizando 1.306.164 habitantes (IBGE, 2010).

Com economia girando em torno do agronegócio e turismo, sendo este concentrado na cidade de Foz do Iguaçu, atraiu centenas de haitianos em busca de emprego e oportunidades em outros setores, principalmente na construção civil e agroindústrias (frigoríficos e empacotadoras). Porém, esta busca trouxe a tona outros problemas. Um deles é a questão econômica. Empresas da região Oeste Paranaense pagam salários inferiores ao que se é pago a trabalhadores brasileiros no mesmo setor. Também não há ascensão funcional destes trabalhadores ou sua efetiva integração ao país que acolhe. Tal exploração laboral é implícita, mas ocorre frequentemente, sendo estes trabalhadores estando à margem das leis brasileiras que os façam apoiar.

A vinda dos haitianos ao Brasil, em especial a região Oeste do Paraná, traz a tona elementos mais que aterrorizantes: mais do que a agressão física ao qual eles sofrem é o preconceito, conforme afirma Maurice<sup>1</sup>:

“Eu falava pra eles: ‘Você é meu irmão. Sou humano igual a você, criado pelo mesmo Deus’. Mas me bateram, bateram e ninguém separou”, disse o migrante. “Eu não entendo porque isso, se sou gente como eles”.

A situação é agravada, pois nesta fala, a agressão aconteceu dentro de uma empresa privada. Por medo de perderem seus empregos, as vítimas suportam caladas ou

---

<sup>1</sup> <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/xenofobia-se-converte-em-agressoes-contra-imigrantes-haitianos-ef4atki19251z2d0e34rtiudq>

até negam que sofram agressões ou humilhações para se manterem com sua fonte de sustento.

Outro haitiano relata, sempre com poucas palavras, por medo e receio de serem expostos diante das situações de rechaço, outra péssima experiência:

“Ele me chamou de macaco. Eu não fiz nada para ele e ele continuou me chamando de macaco e me deu uma banana. Ele bateu em mim. Estava me chamando de preto burro, me xingando também, porque eu deixei meu país e vim morar aqui, porque meu país não tem nada. Ele (empregador) me mandou embora porque sou haitiano. É isso que ele falou”.

Infelizmente, tais narrativas demonstram que ainda pequena parcela da população nacional extrapola (por ignorância ou puro senso comum) característica xenófobas e preconceituosas acerca dos cidadãos haitianos que vivem nesta região. Em alguns relatos, pensam voltar para o Haiti mas, ao perceberem que voltar seria pior que ficar, mudam de opinião:

"Quero ficar aqui, onde a vida é melhor. Lá (em Porto Príncipe) não tem nada. Tudo desmoronou. Quero ir visitar minha família, sim, mas voltar, e (trazê-los) quando tiverem visto".

Com isso, entendemos que a busca pela permanência em um país, Estado, nação diferente é pela qualidade de vida onde possam viver de forma mais adequada e saudável, mesmo que isso o levem a passar por dificuldades tanto no trabalho que são submetidos fazer pesados e até mesmo insalubres, bem como sofrem de um racismo xenofóbico por parte de muitos brasileiros que ainda não entendem, percebem a luta e a resistência que esses imigrantes haitianos passaram para chegarem até o Brasil, para fornecer e subsidiar uma vida mais digna aos seus familiares.

## Referências

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, PHILIPPE; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Tradução de Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1998.

CARDIN, Eric Gustavo. Notas para o estudo dos processos migratórios no Brasil. In: COLOGNESE, Silvio Antônio (Org.). **Fronteiras do saber sociológico**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

CARDIN, Eric Gustavo. Notas para o estudo dos processos migratórios no Brasil. In: COLOGNESE, Silvio Antônio (Org.). **Novas fronteiras para o saber sociológico**. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999, v. 2.

COSTA, Pe. Gelmino A. **Haitianos em Manaus: dois anos de imigração – e agora!**

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DPeA, 2006.

MARANDOLA JR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez., 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982010000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982010000200010)>.

Acesso em: 16 ago. 2013.

MARTINS, José. Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, Sidney. **Brazil, a new eldorado for immigrants?: the case of haitians and the brazilian immigration policy.** In: Urbanities, Vol. 3 n° 2 Novembre 2013.

Travessia – Revista do Migrante, n° 70, São Paulo, 2012.

WORLD BANK The Migration and remittance fact book-2011. **World Bank Washington.** <<http://siteresources.worldbank.org/INTPROSPECTS/Resources/334934-1199807908806/Haiti.pdf>> Acesso em 20 de mai. 2015.